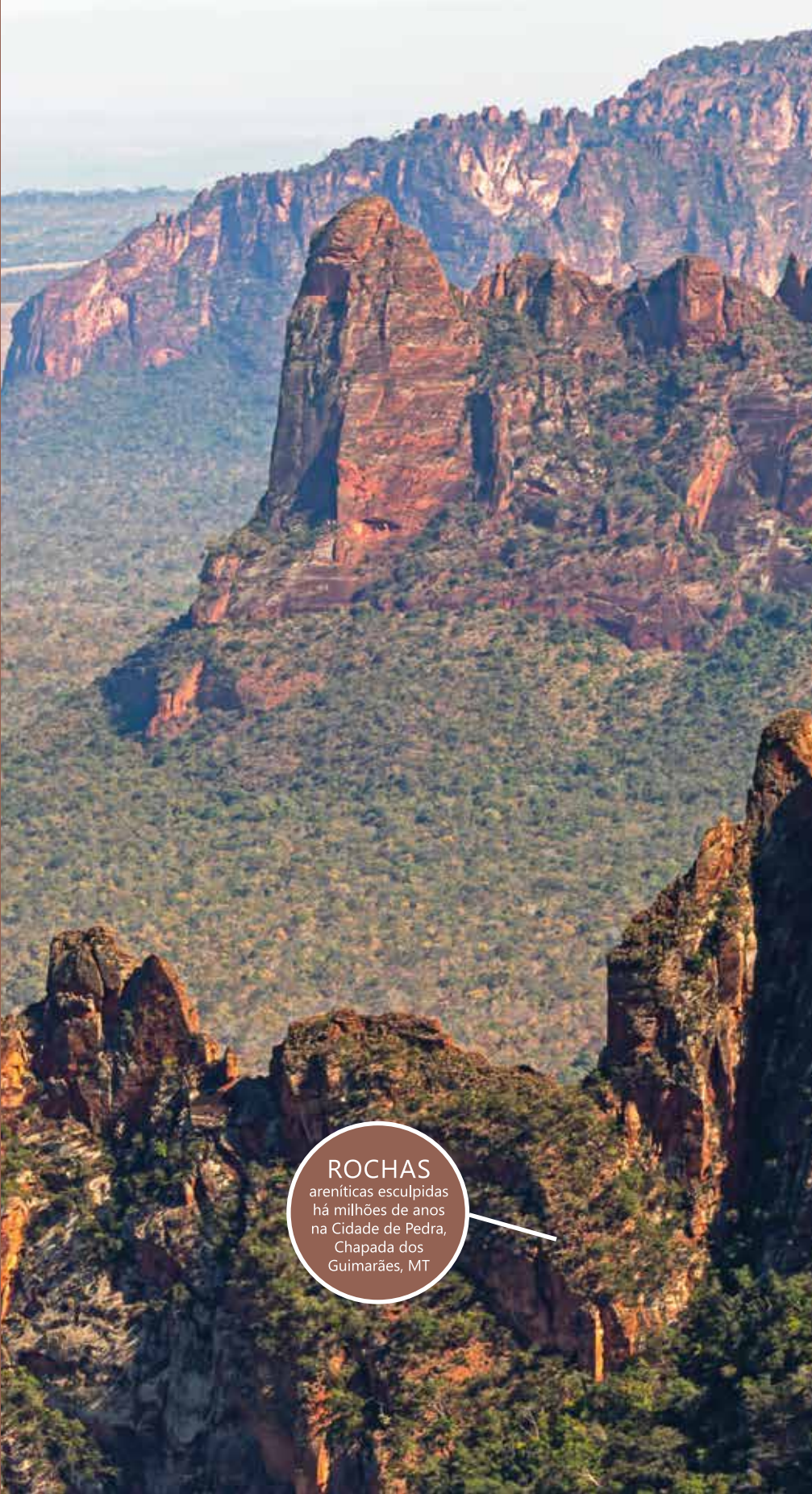




ROCHAS
areníticas esculpidas
há milhões de anos
na Cidade de Pedra,
Chapada dos
Guimarães, MT

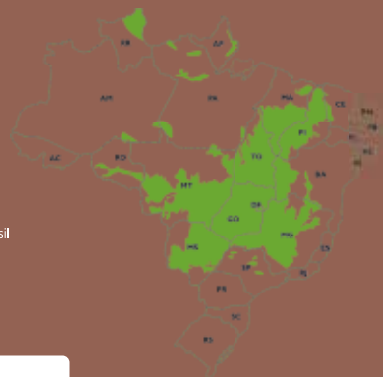
UM BIOMA ANCESTRAL

O CERRADO É UM DOS BIOMAS MAIS ANTIGOS DO MUNDO, tendo-se originado entre 10 e 80 milhões de anos em resposta a uma série de mudanças climáticas e geológicas. De clima neotropical sazonal, com inverno seco (maio a setembro) e verão chuvoso (outubro a abril), ocupa área de mais de 2 milhões de km² e cerca de 23% do território brasileiro, sendo o segundo maior bioma da América do Sul. A precipitação média varia da mínima de 400 mm a máxima de 2.400 mm, dependendo da região. A temperatura média varia da mínima de 14 °C a máxima de 34 °C. O Cerrado também é caracterizado por uma grande diversidade de tipos de solos, que variam em textura, profundidade, fertilidade e saturação hídrica, mas os principais tipos incluem:

Latossolos: geralmente solos profundos, ácidos e bem drenados, que ocorrem em áreas com relevo plano. Sua cor varia entre vermelho escuro e amarelo, e sua textura varia entre média a muito argilosa. É característico principalmente de fitofisionomias como o Cerradão e o Cerrado Sentido Restrito, e representa cerca de 48% do bioma Cerrado.

Neossolo quartzarênico: geralmente solos profundos, bem drenados e com textura arenosa, relacionados a rochas quartzíticas e areníticas. Ocorrem em relevo plano e possuem baixos teores de argila e matéria orgânica. É característico principalmente de fitofisionomias como o Cerrado Ralo e o Campo Sujo Seco, e representa cerca de 15% do bioma Cerrado.

Argissolos: geralmente solos profundos, moderadamente drenados e com maior teor de argila. Sua cor varia entre vermelho-amarelo a vermelho escuro, com maior teor de óxido de ferro. Ocorre em relevo ondulado, na parte inferior das encostas. É característico de fitofisionomias como a Mata de Galeria não inundável, Mata Seca e o Cerradão, e representa cerca de 14% do bioma Cerrado.



Mapa da distribuição do bioma Cerrado no Brasil
(Baseado em Ribeiro & Walter, Embrapa, 2008)

Fotos e textos: Dr. Marcelo Kuhlmann (@frutos_atrativos_do_cerrado)



CERRADO, BERÇO DAS ÁGUAS

O BIOMA CERRADO É CONSIDERADO A CAIXA D'ÁGUA DO BRASIL. Por sua posição geográfica central e elevada, com altitude média entre 500 m e 1.000 m, é nele que se encontram as nascentes das três maiores bacias hidrográficas da América do Sul: Tocantins-Araguaia, São Francisco e Paraná.

O Cerrado também abriga importantes aquíferos, como Guarani, o Bambuí e o Urucuaia, que são fontes cruciais de água subterrânea e a conservação da vegetação nativa, com seu sistema de raízes profundas, é vital para a proteção desses aquíferos. Assim, a conservação e a restauração da vegetação nativa do Cerrado são essenciais para a manutenção das nascentes, a recarga dos aquíferos e a regulação do fluxo de água nas bacias hidrográficas.

A degradação e a conversão de terras no Cerrado para fins agrícolas e urbanos de forma desordenada têm colocado em risco a disponibilidade de água e a qualidade dos recursos hídricos em várias regiões do Brasil. Dessa forma, a proteção do Cerrado desempenha um papel crucial na garantia de abastecimento de água para as populações, setores agrícolas e industriais em todo o país.

NASCENTE
do Rio Preto, Bacia do
Tocantins, Chapada dos
Veadeiros, GO



Fotos e textos: Dr. Marcelo Kuhlmann (@frutos_atrativos_do_cerrado)



FAUNA AMEAÇADA

A FAUNA DO CERRADO É FUNDAMENTAL PARA A MANUTENÇÃO DOS SERVIÇOS ECOSISTÊMICOS. O bioma abriga mais de 2,5 mil espécies de animais vertebrados (aprox. 856 aves, 199 mamíferos, 180 répteis, 150 anfíbios e 1,2 mil peixes) e número estimado em mais de 90 mil espécies de insetos e outros invertebrados. Porém, o Cerrado enfrenta ameaças significativas que colocam em risco a fauna da região, incluindo pressões como o desmatamento para expansão agropecuária e urbana de forma desordenada, a caça ou tráfico de animais silvestres, a mineração e a poluição. Com base no Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (ICMBio 2018), por volta de 300 espécies de animais do Cerrado estão ameaçadas de extinção, sendo imprescindível e vital a criação de unidades de conservação e esforços para promover práticas agrícolas sustentáveis para proteger a fauna do bioma e sua rica biodiversidade. Entre as espécies com algum grau de ameaça, se incluem:



Cachorro-vinagre
(*Speothos venaticus*)



Tamanduá-bandeira
(*Myrmecophaga tridactyla*)



Anta
(*Tapirus terrestris*)



Veado-campeiro
(*Ozotoceros bezoarticus*)



Onça-pintada
(*Panthera onca*)



Onça-parda
(*Puma concolor*)



Gato-palheiro
(*Leopardus colocolo*)



Bugio-preto
(*Alouatta caraya*)



Urubu-rei
(*Sarcoramphus papa*)



Gavião-real
(*Harpyia harpyja*)



Arara-azul-grande
(*Anodorhynchus hyacinthinus*)



Papagaio-galego
(*Alipiopsitta xanthops*)



Beija-flor-de-gravata-vermelha
(*Augastes lumachella*)



Galito
(*Alectrurus tricolor*)



Papa-moscas-do-campo
(*Culicivora caudacuta*)



Tico-tico-de-máscara-negra
(*Coryphaspiza melanotis*)

Fotos e textos: Dr. Marcelo Kuhlmann (@frutos_atrativos_do_cerrado)



AS PRINCIPAIS FITOFISIONOMIAS DO BIOMA CERRADO

OS DIFERENTES TIPOS DE VEGETAÇÃO DO CERRADO, ou fitofisionomias, refletem diferentes condições do solo no qual se desenvolvem, que varia em textura, fertilidade, profundidade e disponibilidade de água. De modo geral, fitofisionomias florestais se desenvolvem em solos mais férteis e ricos em matéria orgânica, podendo estar associados com água (Mata Ciliar e Mata de Galeria) ou não (Mata Seca e Cerradão). As fitofisionomias savânicas que se desenvolvem em solos pouco férteis e bem drenados são representadas pelo Cerrado Sentido Restrito e o Cerrado Rupestre, enquanto outras crescem em solos mais úmidos, como as Veredas. E as fitofisionomias campestres, que em geral crescem em solos mais rasos, podem acontecer tanto em solos úmidos ou bem drenados, como o Campo Rupestre, o Campo Sujo e o Campo Limpo, que podem apresentar ainda “murundus”, que são elevações no relevo resultantes de processos de erosão, sedimentação e ação de cupinzeiros (Ribeiro & Walter 2008). Essas diferenças desempenham um papel importante na diversidade ecológica do Cerrado e na paisagem do bioma.

FORMAÇÕES FLORESTAIS



MATA DE GALERIA: acompanha pequenos cursos de água, formando galeria sobre eles. Apresenta árvores eretas, com altura média de 20 m a 30 m e cobertura arbórea entre 70% a 95%. **Matas ciliares** acompanham cursos de água maiores e não fecham dossel. Essas matas se desenvolvem em solos férteis e úmidos.



MATA SECA: matas afastadas de cursos de água, apresentam diversos níveis de caducifolia (queda de folhas) na estação seca. Ocorre em áreas mais elevadas e em solos normalmente ricos em nutrientes. De acordo com a densidade de espécies com queda das folhas, essas matas podem ser classificadas em semidecídua (média caducifolia) e decídua (alta caducifolia).



CERRADÃO: fitofisionomia florestal resistente à seca. Apresenta dossel contínuo e cobertura arbórea entre 50% e 90%. Em sua composição florística, há presença de espécies que ocorrem no Cerrado Sentido Restrito e também espécies de Mata Seca. Normalmente ocorrem em solos profundos, bem drenados e levemente ácidos.

FORMAÇÕES SAVÂNICAS



CERRADO SENTIDO RESTRITO: ocorre em solos profundos, ácidos, pouco férteis e bem drenados. Apresenta árvores e arbustos tortuosos, com altura média de 2 m a 8 m, distribuídos em meio a um estrato herbáceo. Dependendo da densidade vegetal, varia entre Cerrado Denso, Cerrado Típico e Cerrado Ralo.



CERRADO RUPESTRE: ocorre em solos rasos, com afloramentos rochosos, ácidos, com baixos teores de matéria orgânica e pobres em nutrientes. A cobertura arbórea varia entre 5% a 20% e altura média de 2 m a 4 m, e também possui estrato arbustivo-herbáceo destacado com alta biodiversidade.



VEREDA: ocorre em solos argilosos e mal drenados, sendo marcada pela presença de Buritis em meio a agrupamentos de espécies arbustivo-herbáceas. Os Buritis adultos possuem altura média de 12 m a 15 m e a cobertura varia de 5% a 10%, sem fechar dossel. Normalmente, são encontradas próximas às nascentes ou nas bordas de Matas de Galeria.

FORMAÇÕES CAMPESTRES



CAMPO SUJO: vegetação arbustivo-herbácea, com arbustos e subarbustos espaçados entre si. Pode ser encontrado em solos rasos ou em solos profundos e com baixa fertilidade. Se o terreno for bem drenado fala-se em Campo Sujo Seco e, se for mal drenado, Campo Sujo Úmido. E quando ocorrem elevações no terreno, fala-se ainda em Campo Sujo com Murundus.



CAMPO RUPESTRE: Ocorre em solos ácidos, rasos, pobres em nutrientes e com afloramentos rochosos. A vegetação é predominantemente herbáceo-arbustiva, com eventual presença de arvoretas pouco desenvolvidas. Ocorre geralmente em altitudes acima de 900 m, em áreas com ventos constantes e grandes variações de temperatura, com dias quentes e noites frias.



CAMPO LIMPO: vegetação predominantemente herbácea, com ausência total de árvores. Pode apresentar diferentes níveis de umidade, profundidade e fertilidade do solo. Se o terreno for bem drenado fala-se em Campo Limpo Seco e, se for mal drenado, Campo Limpo Úmido. E quando ocorrem elevações no relevo, fala-se ainda em Campo Limpo com Murundus.

Fotos e textos: Dr. Marcelo Kuhlmann (@frutos_atrativos_do_cerrado)



FLORES DO CERRADO: POLINIZAÇÃO

CERCA DE 80% DAS ESPÉCIES DE PLANTAS DO BIOMA CERRADO DEPENDE DA FAUNA PARA A POLINIZAÇÃO DE SUAS FLORES, principalmente das abelhas. A polinização é um processo essencial para a reprodução das plantas, envolvendo a transferência de grãos de pólen, que contêm as células reprodutivas masculinas, para os órgãos femininos das flores. Esse processo é crucial para a formação de sementes e, consequentemente, para a perpetuação das espécies vegetais. A polinização pode ocorrer de várias maneiras, sendo os principais agentes polinizadores os animais e o vento. Dentre os animais, destaca-se o papel das abelhas, dos morcegos e dos beija-flores, e as flores polinizadas por cada um desses grupos de animais exibem adaptações e características distintas que refletem a incrível especialização e coevolução entre plantas e seus polinizadores. Abaixo, seguem alguns exemplos de espécies do Cerrado com adaptações para polinização por diferentes estratégias:

POLINIZAÇÃO PELO VENTO (Anemofilia)

Geralmente flores pequenas, pouco vistosas, que produzem grandes quantidades de pólen e com estruturas reprodutivas, como os estames (órgãos masculinos) e estigmas (órgãos femininos), mais expostas para facilitar a dispersão pelo vento e a interceptação do pólen. No Cerrado, esse modo de polinização é mais comum em gramíneas e em espécies de campos abertos.



Capim-pingo-de-neve
(*Axonopus brasiliensis*)



Chuveirinho
(*Paepalanthus chiquitensis*)



Capim-flechinha
(*Echinolaena inflexa*)

POLINIZAÇÃO POR ABELHAS (Melitofilia)

Flores com cores e morfologia variadas, pequenas ou médias, geralmente mais abertas, azuladas, amarelas e com padrões ultravioletas que servem como pistas visuais para orientar as abelhas até a fonte de recompensa. Oferecem pólen, óleos, resinas e néctar, que não precisa ser em abundância.



Quaresmeirinha
(*Tibouchina* sp.)



Jurubeba
(*Solanum paniculatum*)



Pau-santo
(*Kielmeyera coriacea*)

POLINIZAÇÃO POR MORCEGOS (Quiropterofilia)

Flores geralmente grandes, bem expostas, com muitos estames, cores pálidas ou brancas, odores fortes, adocicados e néctar abundante, uma vez que esses animais apresentam hábito noturno, possuem olfato bem desenvolvido e necessitam de grandes quantidades de néctar.



Pequi-branco
(*Caryocar coriaceum*)



Pacari
(*Lafoensia pacari*)



Embiruçu
(*Pseudobombax tomentosum*)

POLINIZAÇÃO POR BEIJA-FLORES (Ornitofilia)

Flores com cores brilhantes, especialmente vermelho, laranja e rosa, formato tubular longo, adequados para os bicos compridos dos beija-flores, néctar abundante e ausência de odor, uma vez que esses animais possuem alta demanda energética e se orientam principalmente pela visão. Flores com esses padrões também são bem atrativas para borboletas.



Bate-caixa
(*Palicourea rigida*)



Lantana
(*Lantana camara*)



Centropogon
(*Centropogon cornutus*)

Fotos e textos: Dr. Marcelo Kuhlmann (@frutos_atrativos_do_cerrado)



UM GRANDE JARDIM, POMAR E FARMÁCIA

A FLORA DO CERRADO É CONSIDERADA A MAIS RICA ENTRE AS SAVANAS DO PLANETA, com mais de 12 mil espécies de plantas, sendo que cerca de 40% delas são endêmicas, ou seja, só ocorrem no bioma Cerrado. Dentre essa rica flora, há também diversas espécies de interesse humano, com grande potencial ornamental, alimentício e medicinal, e que vem sendo usadas por diversas populações tradicionais que habitam a região há centenas de anos, como etnias indígenas, geraizeiros, ribeirinhos, babaçueiras, vazanteiros e comunidades quilombolas. Essas populações sobrevivem dos recursos naturais do Cerrado e são parte do patrimônio histórico e cultural brasileiro. Para a conservação e uso sustentável da região do Cerrado nos dias atuais se faz necessário resgatar esse conhecimento tradicional, valorizando a biodiversidade do Cerrado, e se criar laços de identidade e respeito com as espécies nativas da flora e da fauna. Abaixo, seguem alguns exemplos de plantas ornamentais, alimentícias e medicinais do bioma Cerrado, ressaltando-se que cada espécie também pode ter mais de um uso:

ORNAMENTAIS



Ipê-amarelo-caraíba
(*Tabebuia aurea*)



Caliandra
(*Calliandra dysantha*)



Canela-de-ema
(*Vellozia squamata*)



Gravatá
(*Bromelia goyazensis*)

ALIMENTÍCIAS



Pequi
(*Caryocar brasiliense*)



Araticum
(*Annona crassiflora*)



Jatobá-do-cerrado
(*Hymenaea stigonocarpa*)



Baru
(*Dipteryx alata*)

MEDICINAIS



Arnica
(*Lychnophora ericoides*)



Copaíba
(*Copaifera langsdorffii*)



Barbatimão
(*Stryphnodendron adstringens*)



Sucupira
(*Pterodon emarginatus*)

Fotos e textos: Dr. Marcelo Kuhlmann (@frutos_atrativos_do_cerrado)



SAVANA

FLORESTA

CAMPO

CERRADO, UM GRANDE MOSAICO DE VEGETAÇÕES

O BIOMA CERRADO NÃO É HOMOGÊNEO, mas sim formado por diferentes tipos de vegetações que se enquadram em formações savânicas, florestais e campestres.

Essas formações se diferenciam pelo grau de cobertura arbórea e apresentam composições florísticas distintas. Toda essa complexidade confere ao Cerrado uma grande biodiversidade e faz dele um dos ecossistemas mais ricos do mundo!

Cada tipo de vegetação também abriga uma diversidade diferente de animais, que possuem preferência entre habitar ambientes mais úmidos e sombreados como as florestas, ou ambientes mais áridos e abertos como as savanas e os campos.

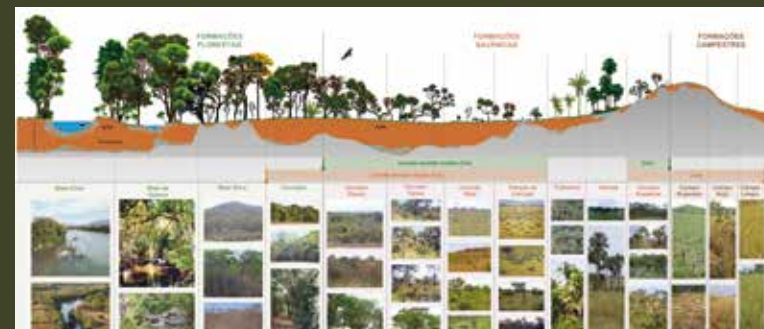
Conhecer essas diferenças é importante também para se recompor áreas degradadas no bioma, sendo fundamental a escolha certa das espécies usadas nos plantios para o sucesso da recomposição.

As três formações do bioma Cerrado se caracterizam em:

Formações savânicas: apresenta entre 5% e 70% de cobertura arbórea e 7,6 mil espécies de plantas descritas. Inclui fitofisionomias como o Cerrado sentido restrito, o Cerrado Rupestre e as Veredas.

Formações florestais: apresenta cobertura arbórea maior que 70% e cerca de 7 mil espécies de plantas catalogadas. Inclui fitofisionomias como a Mata Ciliar, a Mata de Galeria, a Mata Seca e o Cerradão.

Formações campestres: apresenta cobertura arbórea ausente ou menor que 5% e cerca de 8,8 mil espécies de plantas catalogadas, principalmente espécies herbáceas. Inclui fitofisionomias como o Campo Sujo, o Campo Limpo e o Campo Rupestre.



Perfil das fitofisionomias do bioma Cerrado (Baseado em Ribeiro & Walter, Embrapa, 2008)

Fotos e textos: Dr. Marcelo Kuhlmann (@frutos_atrativos_do_cerrado)



DISPERSÃO DE SEMENTES NO CERRADO

A DISPERSÃO DE SEMENTES É UM PROCESSO CHAVE NO CICLO DE VIDA DAS PLANTAS, pelo qual as sementes são transportadas a distâncias significativas da planta mãe para se estabelecerem em novos locais. Esse processo é fundamental na sobrevivência e reprodução das plantas, permitindo a colonização de novas áreas e aumentando a distribuição geográfica das espécies e sua diversidade genética. De forma geral, a morfologia dos frutos e das sementes reflete diferentes adaptações das plantas para a dispersão por diferentes meios, como auxílio de animais (zoocoria), do vento (anemocoria) ou com mecanismos da própria planta (autocoria). No bioma Cerrado, essas três estratégias de dispersão estão distribuídas de forma equitativa entre as espécies, com um terço de plantas zoocóricas, um terço de anemocóricas e um terço de autocóricas, mas de forma desigual entre os estratos da vegetação, com **70% das espécies arbóreas dependendo de animais** para a sua dispersão, enquanto que **80% das espécies herbáceas dependem mais do vento ou delas próprias para se dispersarem**. Abaixo, seguem alguns exemplos de espécies do Cerrado com adaptações para dispersão por meio dessas diferentes estratégias:

DISPERSÃO POR ANIMAIS (Zoocoria)

Frutos ou sementes com tecidos carnosos, nutritivos, cores chamativas, odores fortes e atrativos para aves (ornitocoria), mamíferos não voadores (mastocoria), morcegos (quiropterocoria) ou formigas (mirmecoria). Ou então, frutos e sementes sem cor, odor ou recompensa nutritiva, mas com estruturas capazes de aderir ao corpo dos animais (epizoocoria).



Bacupari-do-cerrado
(*Salacia crassifolia*)



Pimenta-de-macaco
(*Xylopia aromatica*)



Canela-de-velho
(*Miconia albicans*)

DISPERSÃO PELO VENTO (Anemocoria)

Frutos ou sementes com alas ou plumas, com capacidade de flutuação no ar, ou sementes minúsculas e leves que são transportadas pelo vento. Frutos com essas características também podem ser transportados pela água (hidrocoria).



Aleluia
(*Diplopterys pubipetala*)



Pau-santo
(*Kielmeyera coriacea*)



Capim-membeca
(*Andropogon leucostachyus*)

DISPERSÃO PELA PRÓPRIA PLANTA (Autocoria)

Frutos secos, com abertura explosiva ou deiscência elástica, capazes de arremessar as sementes para longe da planta mãe. Ou frutos sem qualquer adaptação evidente a agentes dispersores específicos, sendo liberados de forma passiva da planta mãe quando maduros, caindo no solo pelo mero efeito da gravidade (barocoria).



Planta-moeda
(*Chamaecrista orbiculata*)



Saca-rolha
(*Helicteres brevispira*)



Mimosa
(*Mimosa clausenii*)

Fotos e textos: Dr. Marcelo Kuhlmann (@frutos_atrativos_do_cerrado)





“É ORGULHO SER VACARIANO”

Os Vacarianos estão localizadas no alto-médio Rio Vacaria, no Vale do Rio Peixe Bravo, na região situada nos limites dos municípios de Grão Mogol, Riacho dos Machados, Serranópolis de Minas, Rio Pardo de Minas, Fruta de Leite e Padre Carvalho no Norte de Minas Gerais.

Os Vacarianos, “guardiões do Rio Vacaria”, afluente da margem esquerda do rio Jequitinhonha, com uma extensão de cerca de 56 km, percorre as seguintes comunidades vacarianas: Sucesso Canto da Sorte, Tamboril da Vacaria, Ponte Velha, Miroro, Ponte Nova, Ribeirão do Jequi, Caiçara, Cutica, Jabuticaba, Vacaria, Pindaíba e Peixe Bravo.

Os vacarianos e as vacarianas vivem às margens do Rio Vacaria, em um processo de autoafirmação e resistência, possuem uma forte ligação com rio, o que define seus modos de vidas e os tornam diferenciados de outras comunidades tradicionais.



QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: FILHAS DA MÃE PALMEIRA



As florestas de babaçu (*Attalea speciosa*) cobrem cerca de 196 mil km² do território brasileiro nos estados do Maranhão, Tocantins e Piauí, na região conhecida como Mata dos Cocais (encontro entre Caatinga, Cerrado e Amazônia). No Cerrado, os babaçuais são identificados como "Palmeirais".



“Nós mulheres quebradeiras de coco babaçu somos mulheres fortes, guerreiras, de fibra, que lutamos incansavelmente pela defesa e respeito do meio ambiente, dos nossos territórios, dos rios e das florestas. Nosso modo de vida e nossa cultura está ligada intimamente à palmeira do babaçu. Nós nos intitulamos “Filhas da Mãe Palmeira e guardiãs da floresta” porque visamos a preservação da palmeira, a qual tiramos o coco, que vira azeite, óleo, farinha, leite e sabão. Da palha e da casca, se faz artesanato e carvão para preparar os alimentos”

Maria Alaines Sousa (Miqcb 2022)



Cerca de 400 mil quebradeiras de coco babaçu movimentam a economia de mais de 271 municípios. Elas estão organizadas em associações, cooperativas e articulações locais ligadas ao Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) que tem como objetivo a aprovação da Lei do Babaçu Livre nas três esferas governamentais que garante a criação e implementação dos territórios tradicionais por meio de reservas extrativistas, bem como territórios quilombolas demarcados, contribuindo para a regularização fundiária das suas áreas de abrangência.

CONQUISTA

A comunidade Vila Esperança, na região de Esperantina, Campo Largo do Piauí e São João do Arraial conquistaram, após 30 anos de luta, a Titulação Definitiva de Propriedade Coletiva do Território Tradicional de 1.219,485 hectares.

O conhecimento é passado de geração em geração; é uma atividade quase exclusivamente por mulheres, uma história de luta e resistência. “Nós somos comunidades tradicionais, sim. Não é só um trabalho ser quebradeira, temos um jeito de nos relacionar com os babaçuais” Rosa 2017



Xote das quebradeiras de coco

Ei! Não derruba esta palmeira.

Ei! Não devora os palmeirais.

Tu já sabes que não pode derrubar,
precisamos preservar as riquezas naturais.

O coco é para nós grande riqueza, é obra da natureza,
ninguém vai dizer que não.

As Encantadeiras cantam a história da resistência e bem viver das quebradeiras de coco babaçu.



COMUNIDADES RETIREIRAS DO ARAGUAIA “SE DEIXAR FLUIR E INFLUENCIAR PELAS ÁGUAS DO RIO ARAGUAIA”

“Nossa identidade vai se conformando a partir do vai e vem, do movimento das águas do Araguaia. A gente tem essa relação muito próxima de se deixar fluir e influenciar pelas águas do rio Araguaia. Essas águas que vão fazer com que nos sintamos raízes nessa terra, nesse chão e nessas águas”

Lidiane Taverny Sales, Território Mato Verdinho,
no município de Luciara no Mato Grosso.

No noroeste de Mato Grosso, especificamente ao longo do rio Araguaia no município de Luciara, 100% constituído de Cerrado, é lugar de vida para homens, mulheres e crianças retireiras.

A vida retireira nos varjões — planície do rio Araguaia tomada pelas águas no período das cheias —, a lida com o gado e a dinâmica das águas na planície do rio vão formando a identidade retireira. Quando as águas do rio baixam, entre maio e novembro, eles deixam as casas na cidade e descem com o gado para a região de várzea. É lá que ficam os retiros, as residências da época da seca.

Além da identidade retireira estar relacionada ao movimento sazonal das cheias do rio Araguaia, o modo como lidam com o gado também faz parte desta construção identitária e representa grandes significados para as vidas das comunidades retireiras do Araguaia. Ser retireiro e retireira do Araguaia é ter seu modo de vida diretamente influenciado pelo movimento das águas, pelas cheias dos rios, por seu recuar vazante, é se organizar de acordo com seu próprio território, respeitando-o.



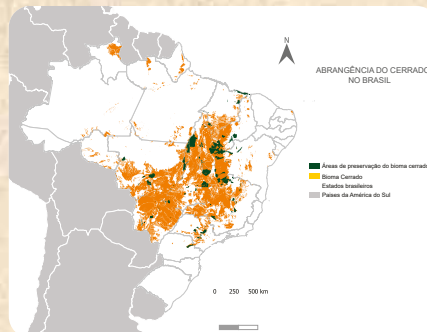
VAMOS NOS AVENTURAR NO CORAÇÃO DO GIGANTE DAS ÁGUAS DO BRASIL

A espécie humana surgiu em paisagens de savana na África e andou pelo mundo até chegar no Planalto Central do Brasil há pelo menos uns 13 mil anos antes do presente. A última glaciação fez com que o Cerrado avançasse até quase o meio da Amazônia, graças ao clima mais seco e frio, levando a floresta a ter hoje “ilhas” de savana.

OLHE, PRESTE ATENÇÃO!

Onde está a savana mais biodiversa do planeta Terra?

Está no Brasil. A savana brasileira é o Cerrado que encontra-se nos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal. Inclui a parte sul e leste de Mato Grosso, oeste da Bahia, oeste e norte de Minas Gerais, sul e leste do Maranhão, grande parte do Piauí e prolonga-se, em forma de corredor, até Rondônia e, de forma disjunta nos estados do Amapá, Amazonas, Pará e Roraima, e ao sul, em pequenas “ilhas” no Paraná e no centro-norte de São Paulo.



O Cerrado é uma colcha de retalhos!

Muita gente não sabe que vegetação predominante é a savana ou Cerrado sensu stricto, seguidamente intercalado por campos e florestas. É isso mesmo! O Cerrado possui formações savânicas, caracterizadas pela presença de árvores e de arbustos esparsos com gramíneas; formações campestres, caracterizadas pelo predomínio de plantas herbáceas e gramíneas, enquanto que as formações florestais - Mata Seca, Mata de Galeria, Mata Ciliar e Cerradão - são caracterizadas pelo predomínio de árvores com formação de dossel, ou seja, uma cobertura formada pelas copas das árvores, que compõem o estrato superior da floresta.



No Cerrado, o estrato rasteiro da vegetação é mais importante do que as árvores; para cada espécie de árvore, há seis espécies de plantas que não são árvores. Existem um total de 15.800 espécies nativas no domínio do Cerrado (Flora do Brasil Online). Os capins são fundamentais para o funcionamento dos ecossistemas, porque são eles que alimentam o fogo que é essencial para manter as fisionomias abertas do Cerrado e para estimular a reprodução das plantas.

Nem todas as árvores do Cerrado são tortas,

Olhe os buritis e as buritiranas nas veredas,

As matas ciliares que ocorrem nas cabeceiras dos pequenos córregos e rios

As florestas secas entre os rios.

O Cerrado é uma grande farmácia!

Arroz com pequi é bom demais!!! Mas o pequi também é remédio porque possui propriedades anti-inflamatórias, antimicrobianas e antioxidantes. É utilizado no tratamento de doenças respiratórias, problemas digestivos e inflamações.

Comer o Cerrado é bom demais!

Estima-se que o Cerrado abriga cerca de 1.000 espécies potencialmente consumidas por seres humanos e quase 4000 espécies de plantas, distribuídas em 400 gêneros, que produzem frutos atrativos para a fauna.



“ A gente tem uma ligação de vida com o cerrado. Para nós, ele está totalmente relacionado à água. Por conviver dentro do rio Araguaia, num território tão rico de água, a gente não tem como não reconhecer que essa é uma relação totalmente de pertencimento ao cerrado, de respeitar as águas, de saber que nossos ancestrais e nossos encantados permanecem ali...” ”

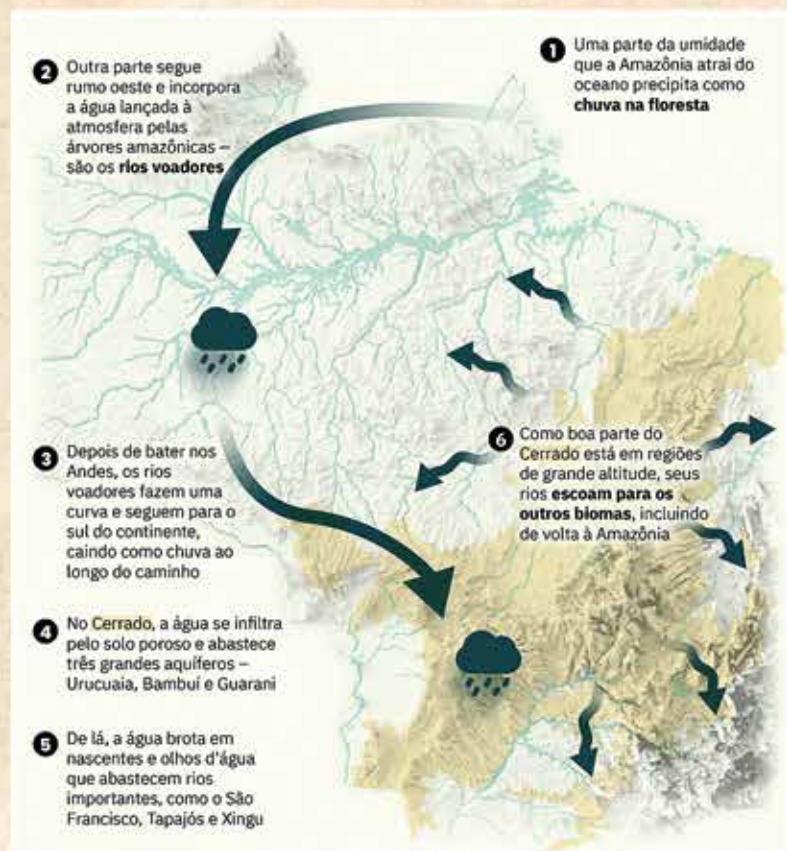
Fátima Barros, de 46 anos, quilombola,
Ilha de São Vicente, em Araguaatins (TO).

Você sabia que 3.427 mil rios nascem no Cerrado e chegam ao bioma Amazônia?

Não dá para conservar a Amazônia sem conservar o Cerrado, e vice-versa; os dois biomas são interdependentes.

O Cerrado é berço das águas

Oito das doze principais regiões hidrográficas do Brasil têm nascentes no Cerrado: Amazônica (rios Xingu, Madeira e Trombetas); Tocantins-Araguaia (rios Araguaia e Tocantins); Atlântico Nordeste Oriental (Rio Itapeturu); Parnaíba (rios Parnaíba, Poti e Longá); São Francisco (rios São Francisco, Pará, Paraopeba, das Velhas, Jequitai, Paracatu, Urucuaia, Carinhanha, Corrente e Grande); Atlântico Leste (rios Pardo e Jequitinhonha); Paraná (rios Parnaíba, Grande, Sucuriú, Verde e Pardo); e Paraguai (rios Cuiabá, São Lourenço, Taquari e Aquidauana). A Bacia do São Francisco nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais, e escoar até o Oceano Atlântico, abastecendo áreas do Semiárido brasileiro.



O Cerrado é a cumeeira da América do Sul!!!

Como a cumeeira de uma casa, onde as águas do telhado se encontram, formando um ângulo, o Cerrado se assemelha a uma cumeeira devido a sua posição geográfica no centro do Brasil e a altitude que facilita o escoamento das águas para as grandes bacias hidrográficas da América do Sul.

As áreas úmidas do Cerrado funcionam como esponjas, retendo a água que caiu durante a estação chuvosa e liberando essa água lentamente durante vários meses de estiagem, garantindo assim as nascentes perenes no bima.

Cerrado, caixa d'água do Brasil!!!

Sua maior riqueza está naquilo que não vemos, debaixo do solo, ÁGUA.

O Cerrado alberga três grandes aquíferos (reservatórios de águas subterrâneas) - Guarani, Bambu e Urucuaia - formados durante milhões de anos; suas rochas porosas e permeáveis conseguem armazenar água e são fundamentais para o fluxo dos rios. A riqueza de água no Cerrado reflete em uma abundância de nascentes de água cristalina, rios, riachos e veredas. Cerca de 40% de toda a água doce que abastece o Brasil sai do Cerrado, como a água que sai na torneira da sua casa.



Cerrado é Água

É um mito de que o Cerrado é seco, na época chuvosa temos praticamente 1.500 mm, isso é muito nos seis meses na época chuvosa. Depois, a chuva é praticamente zero no bioma entre os meses de maio a setembro, mas é na seca que o Cerrado tem mais frutas; tem a rebrota das gramíneas; acontece a revoada de insetos (mariposas e tanajuras) que é comida para os mamíferos insetívoros.

O Cerrado é uma floresta invertida que ajuda a equilibrar o clima do planeta

O Cerrado é uma floresta de cabeça para baixo porque suas árvores tem muito mais raiz do que copa. Além disso, cerca de 70% da biomassa do Cerrado é subterrânea, os reservatórios de carbono que abriga no solo contribuem imensamente para balizar a concentração de CO₂ na atmosfera. Como passam por uma longa estação seca a cada ano, as árvores do Cerrado se adaptaram, crescendo para baixo, em vez de para cima, em busca de água.

Você já parou para pensar, como é possível que os vipês floresçam ustamente na estação seca?

As árvores do Cerrado suportam ficar sem água durante seis meses porque possuem raízes muito longas e ramificadas, podendo chegar até 20 metros, o que permite entrar muitos metros abaixo do solo para acessar as camadas mais úmidas e próximas do lençol freático, isso é incrível!



É FOGO, É FOGO NO CERRADO!

O fogo é um fator de manutenção da diversidade nas savanas tropicais do planeta. O fogo é sempre bom no Cerrado quando ocorre naturalmente ou quando é manejado com sabedoria como no caso dos campos de flores sempre-vivas que têm a rebrota fortalecida pelo manejo do fogo feito a partir de saberes tradicionais.

Vale lembrar que a flora do Cerrado evoluiu junto com as queimadas naturais e, assim, ao longo dos milênios se adaptou a essa condição ambiental; por isso muitas plantas possuem estruturas subterrâneas robustas que garantem a capacidade de rebrotar inúmeras vezes após a queima; a paisagem cinza virá um verdadeiro jardim que atrai animais herbívoros em busca de forragem nova ou até carnívoros em busca de insetos e répteis atingidos pelo fogo.

Com o ressurgimento das flores, surge também um banquete de néctar e pólen para muitos insetos. A ação de polinizadores leva à produção de frutos e sementes que servem de alimento para muitos outros animais. E, assim, a fauna que tinha fugido do incêndio vai gradativamente retornando, atraída pela disponibilidade de alimento. **Tudo está interconectado no Cerrado!**

ATENÇÃO!!! Incêndios em grandes proporções, com muita frequência ou que aconteçam em qualquer época do ano podem trazer consequências drásticas para o Cerrado com a perda na biodiversidade, o que prejudica a fauna e a flora; todo cuidado é pouco!

O Cerrado é resiliência a céu aberto

São muitas ameaças que o Cerrado enfrenta de norte a sul do Brasil:

- Invasão de gramíneas africanas e pinus;
- Captação excessiva de água para a irrigação ou a silvicultura de eucalipto em extensas porções de uma bacia hidrográfica;
- Concentração de 80% do total de pivôs centrais utilizados para irrigação no Brasil;
- Rebaixamento do nível dos corpos d'água subterrâneos devido a perfuração de poços artesianos em maior profundidade;
- Expansão do desmatamento para novas áreas com vegetação nativa remanescente no bioma para abertura de produção de grãos, como soja e milho
- Uso excessivo de agrotóxicos utilizados em monoculturas;
- Elevação nas temperaturas médias e diminuição das chuvas, intensificando os períodos de seca;
- Diminuição da vazão e morte dos rios;
- Percepção equivocada de que as florestas são mais belas ou mais importantes do que os campos e as savanas.
- Injustiça ambiental com povos e comunidades tradicionais no Cerrado.

Vamos salvar a galinha dos ovos de ouro do Brasil, o Cerrado!

Pra termos água na América do Sul, precisamos parar de destruir o Cerrado e restaurar o que foi perdido. Manter a diversidade de fisionomias, assim como, seus guardiões e guardiãs, os povos indígenas e as comunidades tradicionais, é urgente! Abraçamos o Cerrado, patrimônio natural, biótico e cultural, por amor a toda sua beleza e importância socioambiental no Brasil.



OS VEREDEIROS: VEREDAS VIVAS E CERRADO EM PÉ!

“ Quando você vai chegando perto da vereda, você tá no Cerrado, aí você enxerga de longe os buritis. Aí, naqueles buritis, o mais importante é que há a existência da água, das nascentes. Porque lá, onde você viu os buritis, tem água. E quando você vê água, existe as comunidades, os veredeiros. ”

Museu Vivo Povos Tradicionais de MG



Sob a sombra dos buritis, quem embala o berço das águas são os veredeiros que vivem em comunidades localizadas entre as bacias dos rios Pandeiros, Pardo, Cochá e Gibão, distribuídas em 15 municípios (Bonito de Minas, Buritizeiro, Chapada Gaúcha, Cônego Marinho, Formoso, Itacarambi, Januária, Miravânia, Montalvânia, Pintópolis, Riachinho, Santa Fé de Minas, São Francisco, São João das Missões, São Romão e Urucuia) no norte de Minas Gerais.

As **comunidades veredeiras** são grupos culturalmente diferenciados que têm como principal elemento identitário as relações ecológicas estabelecidas com seus ambientes específicos, em especial com as veredas, áreas alagadas na qual se encontra uma rica biodiversidade, especialmente, as chamadas espécies-chave, como o buriti (*Mauritia flexuosa*) e o xiriri (*Mauritiella armata*); combinado com diferentes ecossistemas locais como as lavouras de sequeiro nas áreas de mata, na exploração intensiva das áreas úmidas de veredas e no uso das imensas chapadas e das matas secas para criação de gado e agroextrativismo.

As extensas áreas de terras das chapadas e dos brejos eram utilizadas para o cultivo, solta dos animais, coleta de frutos e de plantas medicinais. A solta do gado acontece nos imensos chapadões durante o período das águas (outubro a março), sendo que na seca (entre março e setembro) os animais são recolhidos e confinados nas mangas (pastos plantados nas áreas de mata).



APANHADORAS E APANHADORES DE FLORES SEMPRE-VIVAS

Queremos a Serra sempre, sempre viva!

“ Nós, apanhadoras e apanhadores de flores sempre-vivas, somos povos tradicionais e vivemos na porção meridional da Serra do Espinhaço. Cada lugar da Serra do Espinhaço tem um valor sentimental e uma história a contar.

Temos como principal atividade a tradicional panha das flores sempre-vivas (uma tradição com mais de 100 anos), que representa a nossa fonte de renda essencial para a reprodução sociocultural e nossa identidade de povo tradicional.

Somos os detentores dos saberes e práticas sustentáveis de produção agrícola com o uso das roças de toco para reposição natural da fertilidade do solo. ”

Protocolo Comunitário de Consulta Prévia,
Apanhadoras de Flores de Macacos, Pé de Serra e Lavras, 2019.



As flores sempre-vivas ocorrem, predominantemente, nos campos abertos, para fins de ornamentação e comercialização. Até o momento, foram identificadas 350 espécies nativas ornamentais, algumas raras e ameaçadas, parte delas endêmicas (só existe neste lugar do mundo), localizadas em diferentes ambientes e altitudes, que depois de colhidas e secas, conservam sua forma e coloração. Utilizada na produção de arranjos decorativos, as sempre-vivas fazem parte do mercado de flores ornamentais da região do Espinhaço, em 15 municípios no Vale do Jequitinhonha (nordeste do estado), Central e Norte de Minas, desde 1930.

Em março de 2020, o Sistema de Agricultura Tradicional da Serra do Espinhaço (MG) das apanhadoras de flores sempre-vivas recebeu o reconhecimento internacional pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO); e em 2023, tornou-se Patrimônio Cultural Imaterial de Minas Gerais.

“ Fazemos a panha da flor porque é parte da nossa existência e do nosso modo de vida, além de ser nossa fonte de renda, sempre respeitando a preservação do meio ambiente, a preservação das águas, das plantas nativas, das medicinais, ornamentais, alimentares, e do ambiente como um todo, pois nossos modos de fazer, viver e produzir são sustentáveis há gerações. A panha também é a manutenção das nossas tradições, costumes e da nossa identidade. ”

“ AQUELA FLORZINHA BRANCA

Sabe por que eu gosto tanto de flores?

Por que tenho certeza de que Deus também se apaixonou por elas. Posso até imaginar Deus fazendo esse lindo jardim, um campo de sempre vivas e pedindo por favor, cuide bem dele pra mim!

Geralda Maria Soares Silva Comunidade
de Macacos - Diamantina-MG



POVO DA MORRARIA: OS MORROQUIANOS

“ Ser morroquiano é acordar de manhã e ver o sol nascendo na Serra das Araras
É ser amigo dos animais e da floresta...
Paca, tatu, anhuma e tuiuiú
Colher frutos do cerrado, mangava, pequi, marijinjum e bocaiuva.
É viver da terra e para a terra, e preservar o elo com a natureza
Estabelecido pelos nossos antepassados. ”

José do Carmo da Silva 2022



Os Morroquianos são moradores da região da Morraria que fica no entorno da Estação Ecológica da Serra das Araras, entre os vários morros, serras, bocainas, córregos (afluentes do rio Paraguai), chapadinhas e vales que fazem parte da Província Serrana, cobertos por Cerrado. A área abrange os municípios de Cáceres, Nossa Senhora do Livramento, Porto Estrela e Poconé no estado de Mato Grosso.

Os Morroquianos são agricultores familiares que buscam preservar o modo de vida da comunidade, suas diferentes temporalidades, suas múltiplas territorialidades e suas cosmologias através das celebrações religiosas, conhecimentos e dependência do ambiente onde estão estabelecidos. Eles possuem um sistema coletivo de uso da terra, reforçando a identidade comunitária e a interdependência entre seus membros. Essa relação com o território garante a permanência de práticas ancestrais que contribuem para a manutenção da biodiversidade e da cultura local.

Além dos conhecimentos dos benefícios das plantas e frutos do Cerrado, os povos camponeses da Morraria, produzem para seu auto sustento: arroz, feijão, milho, banana e mandioca. A produção de alimentos é também a forma de obter autonomia econômica regional, desenvolvendo estratégias que se adaptam ao clima do Cerrado. Alguns cultivam o algodão que é utilizado na fiação artesanal de redes de dormir; as artesãs são mulheres que têm o cuidado de utilizar corantes naturais de plantas do cerrado.

A gastronomia local consiste em doces típicos da região como o “furrundú” (rapadura de cana com mamão ralado), doce de leite, biscoitos de polvilho, bolo de fubá acompanhado com a bebida local (chá de capim cidreira). As bebidas apreciadas e servidas são o “aluá” (preparado com milho torrado) e licores de distintos sabores como: coco, amendoim e pequi.



BARRANQUEIROS, SUA VIDA É O “VELHO CHICO”

Um rio. Uma vida, um modo de vida

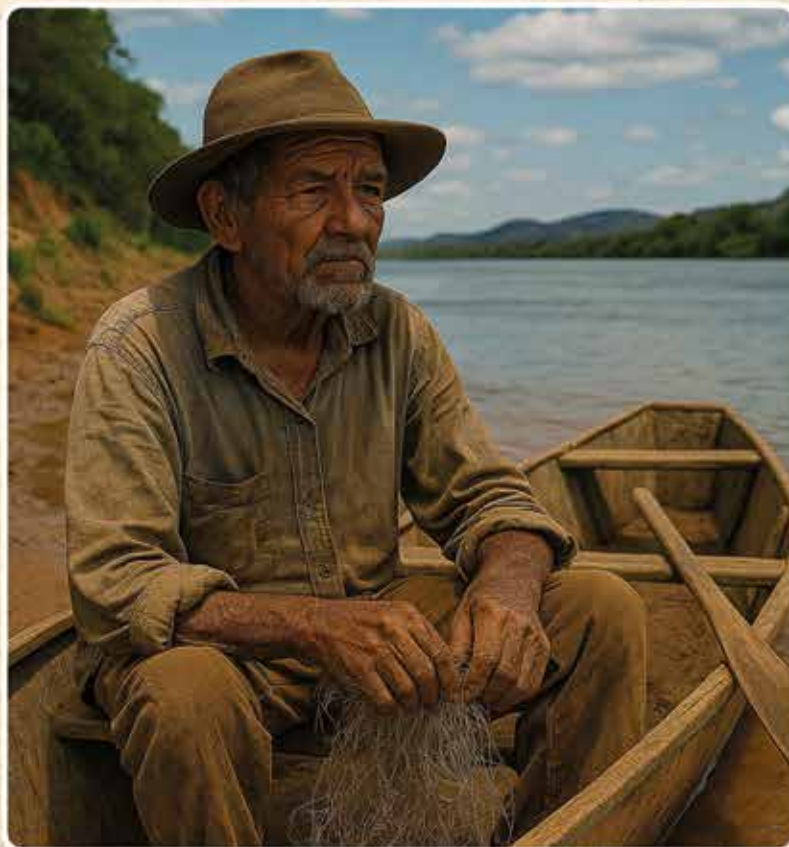
“O rio é o caminho e o espaço de vida para as comunidades que dele vivem e que fazem de suas águas estrada, moradia e fonte de subsistência. O São Francisco é a moldura de seus retratos. É a base para o contexto social, cultural, econômico, religioso, mítico e vivencial do norte de Minas”

(IEPHA-MG 2015)

Os homens e as mulheres da margem do São Francisco ou Opará, na linguagem tupi-guarani, um dos principais cursos d'água do Brasil e da América Latina, definem o tempo de suas vidas de acordo com o tempo do rio, entre o tempo das águas (outubro a março) e o tempo da seca, que orientam suas atividades de pesca e de roça e estabelecem laços de pertencimento e de dependência com o ambiente.

Uma das comunidades que residem nas margens do rio São Francisco são os barranqueiros que vivem em áreas de preservação permanente, especialmente durante o período de estiagem, em sua maioria nas ilhas, vazantes, em comunidades ou em também nas cidades próximas ao rio como Pirapora, Buritizeiro, Januária, São Francisco, Várzea da Palma, Guaicuí e Itacarambi em Minas Gerais. As barracas improvisadas, montadas no barranco do rio, antes de ter “sua propriedade”, é o seu lugar no rio.

Os barranqueiros se auto-designam de acordo com a apropriação das terras e das águas do rio; eles sabem respeitar os ciclos, se adaptam e utilizam seus recursos de acordo com as regras do rio. Seus laços identitários mantêm viva as heranças culturais, os vínculos com o lugar de vida e trabalho. Organizam suas vidas nas barrancas do “Velho Chico”, onde acontece suas relações simbólicas e afetivas ligadas ao rio. Praticam a agricultura, considerando as enchentes do rio que deixam por onde passam a fertilidade para a terra porque à medida que as águas baixam, as margens e ilhas ficam cobertas de sedimentos onde os barranqueiros praticam a agricultura conhecida como “lavoura de lameiro”.





PESCADOR ARTESANAL: “GENTES DO RIO”

“Pescador artesanal comumente se compreende pessoas/famílias/comunidades que realizam a pesca em pequena escala, valendo-se de recursos acessíveis na própria comunidade. Normalmente, estão próximos aos rios, lagoas e praias, o que configura ampla variedade em suas conformações, modos de viver e pescar. O que é singular na categoria, independente da localidade ou região, é a relação com as águas como parte do cotidiano, que é pautada em um conjunto de conhecimentos específicos sobre vento, maré, cheias e vazantes, posição e movimentos dos cardumes, espécies de peixes, seus comportamentos e interações com outros animais e plantas.

Aliado a isso está o uso de técnicas e instrumentos tradicionais para realização da pesca e da navegação, muitas vezes utilizados pela coletividade e passados de geração em geração. O que chama a atenção na categoria de pescadores artesanais é que, além de seu território físico de moradia, as águas fazem parte da sua territorialidade, trazendo uma noção de território perpassado pelo movimento das águas. Essa relação, além de envolver conhecimento de uma diversidade considerável de espécies de peixes, faz com que os pescadores artesanais associem suas estratégias de pesca aos ciclos naturais, propiciando práticas de manejo e uso de recursos alinhados com o tempo da natureza.”

Guia de Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais do Cerrado 2022).

O espaço fundamental para que as comunidades tradicionais pesqueiras tenham condições materiais de existência como grupo diferenciado é dentro de um território, tendo a pesca como modo de vida, consorciada ou não a outras atividades tradicionais – e, neste, a preservação dos conhecimentos tradicionais sobre as marés, os rios, os astros, os diversos pescados – “a ciência do rio”. O território pesqueiro envolve vários aspectos como as áreas de pesca e coleta; de moradia; os locais de embarque – e os trajetos com seus barcos; os locais sagrados e as áreas necessárias à reprodução física dos humanos e dos não humanos e reprodução cultural do grupo.

Os conhecimentos acerca dos modos operantes da pesca artesanal, geralmente são repassados de geração para geração, o que dá a esta atividade um caráter transgeracional no que diz respeito à perpetuação da pesca e coleta; e dessa forma, acabam inserindo estas características no contexto cultural regional.

As comunidades pesqueiras são guardiãs dos rios do Cerrado e algumas dessas comunidades tradicionais têm uma presença tão ampla nos territórios das águas do Cerrado que as águas são parte integral de seu território como é o caso dos barranqueiros, retreiros do Araguaia ou pantaneiros que vivem numa área de ecótono, ou seja, transição ecológica com o Cerrado. Essas comunidades vivem numa luta constante de afirmação de suas identidades que estão relacionadas com os modos de vida que sustentam a sua continuidade nos rios.



GERAIZEIROS: “GENTE DOS GERAIS”

“ Ser geraizeiro para mim é um orgulho, porque o geraizeiro convive com a natureza, com o cerrado, produz de forma sustentável. Tudo ele respeita. O geraizeiro não derruba todo o mato, ele planta associado à plantação, depende do cerrado ... No cerrado tem o pequi, a mangaba, o rufão, a fruta de leite, a salva vida, o robalo, o coquinho azedo. O cerrado tem uma potência tão grande que mesmo com o avanço da monocultura ainda resiste com o seu povo. É bom demais ser geraizeiro. ”

Adair Pereira de Almeida 2020.



Geraizeiro vem de Gerais, que é uma forma de localmente chamar o cerrado; presente no Norte de Minas Gerais, no Leste dos estados de Goiás e Tocantins, Oeste da Bahia, Sul do Maranhão, Norte do Piauí e Noroeste de Minas Gerais.

Os Geraizeiros criam o gado “na solta”, livremente, sem cercas, essa é uma das principais características da cultura geraizeira e do manejo que fazem do ambiente à sua volta. Também praticam o extrativismo, na qual retiram da natureza os recursos que estão disponíveis, sempre respeitando os limites da própria terra e seus ciclos, por exemplo, a colheita de mangaba, só pegam aquelas que já caíram do pé.

“ Os Geraizeiros – reconhecidos como um dos “Povos do Cerrado” a que se refere Silva -, de fato, utilizam não só inúmeros frutos, como também plantas medicinais e espécies madeiras nativas do Cerrado. Grande parte dessas atividades extrativistas ocorre justamente nessas terras menos propícias à agricultura, nas chapadas, sendo as terras de cultura, as das veredas, brejos e vazantes, mais úmidas e férteis. Por meio de uma ação seletiva sobre essas paisagens, portanto, os Geraizeiros desenvolveram meios de vida ecologicamente mais adaptados ao Cerrado, valendo-se inclusive de sua biodiversidade nativa. ”

Nogueira 2009:31



COMUNIDADES DE FECHO DE PASTO: TRABALHO COLETIVO MANTÉM O CERRADO VIVO

“O que garante o Cerrado vivo por aqui é a forma com que preservamos a vegetação, todos juntos”, Eldo Moreira, membro da Associação Comunitária dos Pequenos Criadores do Fecho de Pasto de Clemente, do município de Correntina, Bahia.

As comunidades de fecho de pasto surgiram por volta de 1750 com a ocupação de sesmarias, terras que eram concedidas pela coroa portuguesa. São comunidades tradicionais localizadas no extremo Oeste da Bahia, nos municípios de Correntina, Coribe, Jaborandi, Santa Maria da Vitória e Cocos, região de extensos chapadões e abundância de águas, integradas ao denominado Espigão Mestre, grande divisor de águas onde nascem rios e riachos que alimentam as bacias hidrográficas do rio São Francisco, do Tocantins e do Parnaíba. Suas chapadas são, ainda, fundamentais áreas de recarga das águas subterrâneas do aquífero Urucuia, sendo conhecidas como “caixas d’água” do Brasil. A região é de fundamental importância ecológica nas inter-relações Cerrado-Caatinga, sendo produtora de águas para o Semiárido brasileiro.



“Fecho” significa fechamento de áreas coletivas e “Pasto” está relacionada à pastagem nativa. Nos “gerais” no Oeste da Bahia, é comprovado que só existe área preservada, nas áreas onde existem “Fechos de Pasto”; é um exemplo de cuidado com a terra para manter o Cerrado em pé, preservado e evitar o empobrecimento massivo dos camponeses da região. Essas comunidades tradicionais ocupam o solo de modo não predatório e, por isso, ajudam a manter essas vastas áreas de Cerrado, consideradas “zonas de recarga” dos lençóis freáticos.

Há muitas gerações que fazem uso comunitário da terra com a agricultura familiar orgânica e a criação de animais de pequeno porte que ficam distante da comunidade, por isso as famílias precisam se deslocar para chegar até o local da criação. Os animais são individuais e boa parte da renda das famílias vem da venda do gado bovino, criados “livres”, sem cercamento, de forma extensiva, em áreas coletivas de Fecho, nos chapadões, extensos planaltos, frequentemente maiores que 10 mil hectares.

A produção de alimentos é bem diversa - milho, feijão, arroz, banana, mandioca, cana-de-açúcar, coco da Bahia, batata doce, melancia, abobora, etc. – além da grande produção de frutos nativos - pequi, buriti, caju, cagaita, grão de galo, araticum, coco catolé, coco guero, pulsar, croadinha e outros – mais a produção de rapadura, melaço, doce em caldo e de corte, queijo, requeijão, cachaça destilada.



POVOS CIGANOS | ROMANI: LÍNGUAS E COSTUMES DIVERSOS

“ Nossa cosmovisão respeita e reconhece bichos, plantas, solos, ares, rios e mares como integrantes de nossas vidas, conhecimentos e práticas ... a medicina Calon é toda baseada nas plantas do Cerrado. Se o Cerrado se extingue, extingue junto nossa medicina tradicional. Nós, ciganos, não devastamos as florestas, não destruimos os rios, os lagos e os mares. Não envenenamos o ar, a terra e o ar para fazer grandes plantações. Nunca iniciamos uma guerra. Sabemos o quanto a mãe Terra é importante para todos nós vivermos, tanto porque nos dá o alimento, quanto nos dá a cura para doenças. Somos parte da natureza e se não pararmos urgentemente de degradá-la, o resultado será terrível e irreversível para toda a humanidade. ”

Aluízio A. Silva Junior, cigano Calon

Os “ciganos”, se autodenominam “Rom”. Eles não são um único povo e com uma cultura generalizada, senão que formam diversas comunidades que possuem diferentes conhecimentos, cosmologias, olhares, visões de mundo e ensinamentos milenares. Existem muitas formas de ser cigano que se conectam numa intensa convivência familiar; a família é sagrada.

No Brasil vivem três grupos: os Roma (vindos da ex-Iugoslávia, Sérvia e de outros países do Leste Europeu), os Calon (que vieram da Espanha e de Portugal) e os Sinti (vindos da Alemanha, Itália e França). Os Roma e os Sinti falam o romanês e os Calon falam o shib kalé (fusão do romanês com o espanhol e o português).



Os ciganos estão nas periferias das cidades ou na zona rural. A maior concentração de acampamentos ciganos está nos estados de Minas Gerais, Bahia e Goiás. Os ciganos em Mato Grosso são, principalmente, do grupo Calon, e estão a mais de 100 anos no estado; a maioria dos ciganos encontram-se em municípios que possuem o bioma Cerrado: Alto Garças, Cuiabá, Guiratinga, Juscimeira, Pedra Preta, Rondonópolis, São José do Povo, Tangará da Serra e Várzea Grande, exceto Juara e Sinop.

Os nômades representam 10 a 15% das comunidades, ou seja, o conceito mais correto atualmente seria viajante ou itinerante, pois têm uma residência fixa, viajam por algum tempo em uma rota pré-determinada e voltam para casa.



POVOS INDÍGENAS DO CERRADO: POVOS QUE ESCUTAM A TERRA

Quando falamos do Cerrado, falamos de diversidade biológica e cultural que forma os patrimônios históricos e socioculturais do Brasil, fruto da convivência e cuidado dos povos indígenas, gerando uma memória do Cerrado que guarda várias trajetórias, experiências, descontinuidades, experimentações, adaptações, saberes acumulados, observações e intervenções no ambiente ao longo de séculos.

Existem 156 territórios indígenas no Cerrado contínuo e 180 nas áreas de transição, totalizando 338 territórios. Nesses territórios, encontram-se 74 povos indígenas no Cerrado contínuo e 43 povos apenas nas zonas de transição. Como há alguns povos que se encontram tanto no Cerrado contínuo quanto nas transições, no conjunto encontramos 117 povos indígenas (TPP 2022).

Os povos indígenas sempre manejaram o Cerrado com sabedoria ancestral. Sua mobilidade entre diferentes áreas garantiu o uso sustentável dos recursos, respeitando os ciclos naturais e permitindo a regeneração da fauna e da flora – seja por processos naturais ou por manejo intencional. Cada território indígena é um espaço integrado de vida, alimento, cura e rituais, onde a biodiversidade, a cultura e a espiritualidade se conectam.



Povos indígenas no Cerrado contínuo

Aikanã, Akuntsu, Alueti, Apinayé, Aranã, Atikum, Avá Canoeiro, Awa Guajá, Bakairi, Bororo, Cassupá, Caxixó, Chiquitano, Cinta Larga, Enawenê-Nawê, Gavião, Gavião Kyikatêjê, Guajajara, Guarani, Guarani-Kaiowá, Ikpeng, Irantxe, Isolados (TI Cabixi), Isolados (TI Rio Omerê), Isolados (TI Tanaru), Javaé, Kadiwéu, Kalapalo, Kamaiurá, Kanela, Kanela-Apãnjekra, Kanoé, Karajá, Katithauru, Kinikinau, Kithaulu, Krahô, Krahô-Kanela, Krenak, Krikati, Kuikuro, Latundê, Maxakali, Mehinaku, Morcego, Myky, Nambikwara, Negarotê, Ofayê-Xavante, Pankararú, Paresi, Pataxó, Pykopjê, Rikbaktsa, Sabanê, Tabajara, Tapayuna, Tapirapé, Tapuia, Tembê, Tenetehara, Terena, Trumai, Tuxá, Umutina, Wakalitesu, Wasusu, Waurá, Xakriabá, Xavante, Xerente, Xinikinawa, Yawalapiti, Yudjá.

Povos indígenas nas áreas de transição do Cerrado

Apiaká, Ava-Guarani, Fulni-ô, Guarani Nhandeva, Guató, Holotesu, Ingarikó, Isolados (TI NhanduBraço Norte), Isolados (TI Rio Tenente Marques), Kaingang, Kamba, Kawahiva, Kayabi, Kayapó, Kiriri, Kisêdjê, Krenyê, M'byá Guarani, Macuxi, Mebengokrê-Kayapó, Menkragnoti, Mentukture, Munduruku, Naruwoto, Nhandeva, Panará, Pankaru, Patamona, Pataxó Hã-Hã-Hãe, Payaya, Salamã, Suruí, Suyá, Tapuya, Taurepang, Tchukahamãe, Timbira, Tremembé, Tupinambá, Wapichana, Xetá, Xikrin, Xucuru Kariri.



COMUNIDADES RIBEIRINHAS

“ Nós, ribeirinhos/as, não sabemos viver sem as águas do rio ”

Sueli Pereira dos Santos, Comunidade Sítio de Cima,
no município de São Desidério, Bahia

As comunidades ribeirinhas são aquelas que tem um modo de vida às margens dos rios, fonte inesgotável de memórias, saberes, práticas, técnicas, habilidades, oralidades, experiências, caminhos, afetos e mundos.



Embora essa categoria seja mais comumente pensada no contexto amazônico, na região Bico do Papagaio, área de transição entre Cerrado e a Amazônia, moram as mulheres ribeirinhas nos municípios de Axixá do Tocantins e São Miguel do Tocantins, áreas exclusivas de cerrado, que tem o rio Tocantins para a pesca como forma de sobrevivência que junto com a ocorrência dos babaçuais produzem o coco babaçu para complementar a carência de alimentos e/ou a renda.

Outros ribeirinhos do Cerrado estão no Vale do Alto-Médio São Francisco, também chamados de barranqueiros. As comunidades de ribeirinhos que estão no baixo curso do rio de Ondas no município de Barreiras na Bahia são conhecidos na região como beiradeiros.

Também existem as comunidades Barra da Lagoa e Chupé 1 e 2 no Território Chupé, no município de Santa Filomena no Piauí que se autoidentificam como ribeirinhos/brejeiros que historicamente ocupam as margens do Riozinho há pelo menos 150 anos, onde desenvolveram um modo de vida profundamente integrado ao rio e aos brejos da região.

Para compreender o ribeirinho, é preciso ir além do lugar que ele habita a margem do rio, pois é aquele que respeita o rio, tendo a natureza como riqueza natural e cultural, individual e coletiva, de uso material e imaterial, ou seja, as questões cotidianas, a territorialidade e a temporalidade das comunidades são determinadas fortemente pela natureza e seus ciclos.

A dinâmica das águas regula as formas de alimentação, meio de transporte, sustento, lazer, práticas religiosas, interação social, trabalho, conexão com a natureza. A relação do ribeirinho com o rio se constitui numa relação afetiva, é o lócus da vida, contribuindo assim para a formação de sua identidade territorial, tendo o rio como referência identitária coletiva.



COMUNIDADES QUILOMBOLAS: TERRITÓRIOS DE LIBERDADE

Quilombolas são grupos étnico-raciais autodefinidos, com sua formação histórica e conhecida ancestralidade africana que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio. A identidade desses grupos também não se define pelo tamanho e número de seus membros, mas pela experiência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade enquanto grupo.

O Censo Demográfico de 2022 registrou um total de 1.330.186 quilombolas, vivendo em 5.972 comunidades quilombolas no Brasil, o que representa 0,66% de todos os residentes no país, distribuídos em 1.672 municípios com 494 territórios quilombolas oficialmente delimitados, sendo que 63 estão no Cerrado. Somente 14% da população quilombola brasileira se encontra nos municípios que estão prevalentemente no bioma Cerrado, ou seja, cerca de 186 mil pessoas, distribuídos principalmente nos estados de Minas Gerais, do Maranhão e de Goiás, mas somente 0,25% do Cerrado é destinado a áreas quilombolas (Brasil/IBGE, 2023).

Os Territórios Quilombolas ocupam 3,8 milhões de hectares, o que corresponde a 0,5% de todo território nacional e exercem um papel positivo na conservação ambiental. Enquanto o Maranhão possui um número significativo de territórios quilombolas demarcados nos municípios com a presença de quilombolas, vários municípios com número elevado de quilombolas no norte de Minas Gerais, norte de Goiás e do Tocantins não têm nenhum reconhecimento territorial. Tal realidade também ocorre para os demais povos e comunidades tradicionais do Cerrado (IPAM, ISPN e Rede Cerrado, 2023).

Os Territórios Quilombolas estão na liderança da preservação da cobertura vegetal nativa no Brasil, ao lado dos Territórios Indígenas. As comunidades quilombolas manejam seus territórios por meio de conhecimentos tradicionais que foram construídos na convivência com a terra, com as águas, com os animais e com os Encantados, a partir de saberes africanos e em diálogo com os saberes dos povos indígenas. Ao longo do tempo, esse processo foi constituindo modos de vida adaptados a diversos agroecossistemas e paisagens do Cerrado.

As comunidades quilombolas praticam o extrativismo de muitas espécies (pequi, buriti, baru, babaçu, capim dourado, piaçava, bureré, roseta, etc.) para diversos usos, como alimentação, artesanato, medicina tradicional, rituais, beneficiamento e comercialização. Para produzir alimentos, eles/as utilizam diferentes tipos de roças tradicionais (roça de toco na mata seca, roça de toco no capão, roça de toco nas margens das matas ciliares, roça de várzea e roça de esgoto, que é um sistema de microdrenagem) e criam diversos animais, utilizando o manejo dos pastos nativos e de espécies alimentares.

Em fevereiro de 2021, o Território Kalunga, localizado nos municípios goianos de Monte Alegre, Cavalcante, Terezinha de Goiás, foi o primeiro do Brasil a ser reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como Territórios e Áreas Conservadas por Comunidades Indígenas e Locais (TICCA). O título global é concedido às comunidades que **“têm profunda conexão com o lugar que habitam, processos internos de gestão e governança e resultados positivos na conservação da natureza”**.



OS VAZANTEIROS: POVOS DAS ÁGUAS E DAS TERRAS CRESCENTES

“ Nós somos como o rio, sofremos com ele quando suas nascentes secam, seu leito se enche de areia, suas águas diminuem, perdem força, são represadas, poluídas, degradadas. O nosso reconhecimento é o reconhecimento do rio, o São Francisco não pode ser revitalizado sem nós, o povo Vazanteiro. A história conta, é nosso dever, nosso direito. ”

(CPT, CAA 2015)

Os moradores das margens ou das ilhas do rio São Francisco, praticantes da pesca artesanal e da agricultura de vazante, se autodenominam vazanteiros ou ilheiros, sendo que a primeira denominação é a mais utilizada nas comunidades; também encontramos expressões como “lavrador de vazante, conhecido como barranqueiro”, ou “lameiro” que era o plantador de vazante - aquele que plantava sobretudo no ‘lameiro das ilhas’ ou das ‘croas’ [coroas]” ou “varjeiros ou varzeiros” que são aquelas populações tradicionais que vivem às margens dos rios e várzeas.

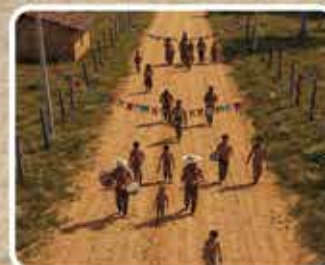
Como conhecedores do meio ambiente, do clima e, sobretudo, das áreas de vazante das águas, os vazanteiros interagem cotidianamente com as alterações do rio São Francisco e dos rios do entorno, afluentes e lagoas. As áreas muito férteis são as vazantes, local onde realizam o cultivo nestas porções de terras sazonalmente inundáveis, para isso desenvolveram técnicas no território, conjuntamente com a criação de animais, a pesca e o extrativismo.



Ser vazanteiro significa reconhecer os ciclos naturais das águas, usufruindo das regiões fertilizadas por matéria orgânica proveniente da vazante; o que implica algumas alternâncias no que concerne ao local de moradia, assim, eles ocupam também as terras altas em períodos de cheia, sendo seu modo de vida marcado pela transumância entre terras de vazante e terras altas.

O rio, mais que um corpo de água, é visto e entendido como uma entidade, um lar, um parente, “as terras crescentes são a expressão da generosidade do rio na relação com os vazanteiros. Se o rio toma uma terra, ele devolve, em outro lugar, a terra renovada e fertilizada pela enchente, de forma que eles nunca fiquem sem terra para trabalhar e viver” (Oliveira 2024).

Entre memórias, afetos, relações de parentesco e afinidade circulam práticas, conhecimentos, bens, alimentos, folhas, batuques, festejos, alegrias de ser-vazanteiro; uma identidade atualizada nas relações entre as gerações mais velhas e mais novas, diretamente formada em relação com o Rio São Francisco.



COMUNIDADES TRADICIONAIS GUARDIÃS DA BIODIVERSIDADE DO CERRADO

“ Nós os Povos Guardiões do Cerrado, seguiremos mostrando para o poder público, a sociedade brasileira e para todo o planeta a importância da sociobiodiversidade, da cultura dos povos e comunidades tradicionais para a conservação do Cerrado. Pelo Cerrado Vivo seguimos todos os dias, em marcha e em luta! ”

(Carta Política do X Encontro e Feira dos Povos do Cerrado 2023).

A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais definiu Povos e Comunidades Tradicionais como “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (Brasil 2007).

Quanto aos Territórios Tradicionais foram caracterizados como “os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações” (idem 2007).

Os Povos e Comunidades Tradicionais no Cerrado têm se autoatribuído identidades a partir de critérios étnico-raciais (quilombolas, indígenas); devido a ligação com ecossistemas específicos (geraizeiros, veredeiros etc.); por uma atividade laboral predominante que figura como marca identitária (pescador, vazanteiro, apanhadores de flores, quebradeiras de coco-babaçu, etc.); pelo tipo de ocupação e uso do território (fundo de pastos, retireiros do Araguaia, etc.) ou, ainda, por motivos culturais (povos de terreiros, “ciganos”, etc.).



Os povos indígenas e as comunidades tradicionais possuem múltiplas relações socioculturais que permitiram moldar e serem moldados pelas paisagens que constroem a sociobiodiversidade e refletem a diversidade sócio-cultural do Cerrado. Lá estão “os povos indígenas de tronco linguístico Jê (como os Xerente, Xakriabá, Apinajé e Xavante), mas também Tupi-Guarani (como os Guarani e Kaiowá) e Arawak (como os Terena e os Kinikinau). Estão também as comunidades tradicionais, como as quebradeiras de coco-babaçu, comunidades fecho de pasto, apanhadores(as) de flores, retireiros(as) do Araguaia, pescadores(as) artesanais, geraizeiros(as), vazanteiros(as), veredeiros (as), barranqueiros, povos de terreiro, quilombolas como os Kalunga (de Goiás e Tocantins) e os Jalopeiros (do Jalapão). As raízes, as benzedeiras, as rezadeiras, as parteiras estão espalhadas nessas comunidades, promovendo saúde e bem-estar local.

As comunidades dependem do bioma para manutenção dos seus modos de vida e, nessa relação, ajudam a conservar e a manejar o bioma. É através da conservação do Cerrado que as comunidades mantêm aquilo que necessitam para sobreviver, sejam frutos, plantas medicinais, madeira, assim como a água. Elas utilizam a vegetação nativa conservada para extrair remédios diversos, alimentos, madeira e fibras. São produtos que fazem parte da economia dessas comunidades e, portanto, é fundamental para elas manter o Cerrado em pé”.

As percepções e práticas dos povos indígenas e as comunidades tradicionais sobre a salvaguarda do patrimônio genético e cultural, convocam-nos a solidariedade e a urgente “cerradania” que é o exercício da cidadania em defesa da conservação, preservação, restauração do Cerrado e valorização de seus guardiões e guardiãs.



POVOS E COMUNIDADES DE TERREIRO E MATRIZ AFRICANA

Das plantas aos ancestrais, do alimento às rezas que atravessam gerações.

Comunidades de terreiro, reconhecidas oficialmente como povos tradicionais, são guardiãs de uma herança afro-brasileira (Decreto nº 12.278/2024), cuja ancestralidade, práticas, religiosidades, idiomas e modos de vida estão associados à diáspora africana em todo o Brasil.

Essas comunidades se identificam sob diversas denominações, dentre elas podemos citar os povos de origem Bantu, Yorubá, Fon, Ashanti, Egbá entre outros. Em cada região do país se organizam a partir de valores civilizatórios e cosmovisões de matriz africana, matriz afro-brasileira e matriz afro-ameríndia, reconhecidas pelo seu patrimônio cultural, pelo acolhimento e pelos serviços comunitários.

Convém destacar a pluralidade de religiões afro-brasileiras – umbanda, candomblé, omolokô, quimbanda, babaçue, batuque, xambá – e de denominações para seus adeptos, a fim de elucidar que reduzir toda essa complexidade a uma identidade comum é praticar um reducionismo perigoso, devido à variedade de práticas, crenças e identificações; sendo assim, não podem ser compreendidas enquanto uma unidade homogênea, mas como pertencente a uma diversidade religiosa.

“ Os terreiros são o local de acolhimento, de resistência, para além da questão religiosa, essas comunidades religiosas têm sido, há pelo menos três séculos, responsáveis pela guarda e desenvolvimento da cultura do seu povo, com especial destaque para o papel das mulheres, maioria de sacerdotisas entre suas líderes comunitárias e religiosas. ”

Nengwa Elza 2024



Possuem a compreensão de que não há vida sem natureza, relacionando-se com esta de forma íntima e sustentável. O meio natural é necessário em todas as práticas e ações das religiosidades afro-brasileiras, seja por meio das folhas e águas para os seus rituais, seja na interação com os guias e entidades.

As comunidades de terreiro como guardiãs da biodiversidade, promovem sua atuação na preservação ambiental, incentivam práticas sustentáveis, como o plantio de espécies sagradas, a recuperação de áreas degradadas e o uso consciente dos recursos naturais.

“ Essas iniciativas visam garantir que as futuras gerações possam herdar não apenas nossas tradições, mas também um ambiente preservado e equilibrado, assegurando a continuidade dos saberes ancestrais e a harmonia com a natureza. ”

(Carta Compromisso do 1º Encontro Vozes Afro-Ancestrais do Cerrado, 2025.

